



Segio Flores/AFIP

ESTADOS UNIDOS

Uma ideia chamada DONALD TRUMP

Um ano após deixar o poder, ex-presidente republicano mantém forte influência sobre correligionários, que endossam retórica sobre fraude nas eleições de 2020

» RODRIGO CRAVEIRO

Em 20 de janeiro de 2021, o magnata Donald Trump abandonou a Casa Branca e Washington poucas horas antes de Joe Biden prestar juramento como o 46º presidente dos Estados Unidos. Deixou um pronunciamento à nação, gravado em vídeo, por meio do qual exortou os norte-americanos à unidade. “Agora, mais do que nunca, devemos nos unir em torno de nossos valores compartilhados, superar o rancor partidário e forjar nosso destino comum”, declarou à época. Exatamente duas semanas antes, uma horda de simpatizantes invadiu o Capitólio, sede do Legislativo, no momento em que o nome do democrata Joe Biden era confirmado pelos congressistas. Mesmo fora do poder e renegado pelas redes sociais, Trump segue como voz ativa nos EUA. Quase que diariamente, ele publica declarações com críticas a Biden e comentários sobre as políticas doméstica e externa de Washington.

Professor de direito na Universidade da Califórnia (Ucla) e especialista em poderes presidenciais e direito constitucional, Jon Michaels admitiu ao **Correio** que Trump continua a dominar a política e a retórica do Partido Republicano. “Não apenas os candidatos tentam mostrar que são os verdadeiros herdeiros do ‘Maga’ (*‘Make America Great Again’*, ou ‘Faça a América Grande Novamente’, slogan de Trump). É necessário, também, que os membros do partido continuem a endossar a ‘grande mentira’ de que a eleição de 2020 foi ‘roubada’”, afirmou.

O especialista cita a “excomunhão” de Liz Cheney do Partido Republicano depois que a filha do ex-vice-presidente Dick Cheney inousou enfrentar Trump e as fake news propagadas por seu staff. Segundo ele, a mídia de direita e

Roberto Schmidt/AFIP - 06/01/21



Simpatizantes de Trump lutam contra policiais, pouco antes de invadirem o Capitólio, em 6 de janeiro de 2021: democracia em xeque

as redes sociais abastecidas pelos conservadores continuam a apoiar o magnata republicano e a promover suas mentiras.

Michaels adverte que o Partido Republicano lança estratégias polêmicas para tentar reconquistar o poder. “O aumento da violência política — dirigida a funcionários de escolas, da saúde pública e eleitorais — e os esforços para suprimir os votos, especialmente dos negros e dos pardos, parecem centrais para a nova estratégia da legenda na tentativa de manter a influência política. Em vez de conquistarem os oponentes por meio de políticas e de retórica mais inclusivas e políticas, os republicanos os intimidam e os privam de seus direitos”, avaliou.

Por sua vez, Mark A. Petersen, professor de políticas públicas e ciência política da mesma universidade, advertiu sobre a “natureza extraordinária e ameaçadora de Trump” e a desconexão que a maioria da base republicana tem em relação à realidade. “Os congressistas republicanos e as autoridades eleitas pelo partido nos estados estão dispostos a ‘comprar’ as alegações falsas sobre fraudes nas eleições de 2020 e quase tudo o mais associado ao culto à personalidade em torno do ex-presidente”, avaliou, por e-mail.

Retorno

Autor de *His very best — Jimmy Carter, a life* (“O seu melhor — Jimmy

Carter, uma vida”), o historiador e analista político Jonathan Alter afirmou que Trump continua a exercer enorme influência na política norte-americana. “Ele é o líder cult de um dos nossos dois principais partidos políticos. Mantém grande força dentro do Partido Republicano, maior do que qualquer ex-presidente. Trump planeja um retorno ao poder depois de uma derrota eleitoral, algo que não vimos neste país desde que Grover Cleveland fracassou na reeleição, em 1888, e recuperou a Casa Branca quatro anos depois”, disse à reportagem.

Segundo o escritor, Trump conseguiu forjar um novo modelo da extrema-direita nos Estados Unidos. “Trata-se de uma corrente altamente radical e

antidemocrática, no estilo daquela comandada por seu amigo, Jair Bolsonaro”, comparou. Alter lembrou que pela primeira vez em 233 anos de história da Presidência dos Estados Unidos, os norte-americanos não assistiram a uma transferência pacífica do poder, graças a Trump. “Isso é algo extremamente radical e aponta para a continuidade da ameaça à democracia representada pelo ex-presidente”, observou. “Em 2024, saberemos se ele destruiu a democracia nos EUA. Já sabemos que ela sofreu um grande golpe. A péssima gestão da crise da covid-19 e a incitação a uma insurreição violenta contra o nosso Capitólio são os principais legados de Trump.”

Palavra de especialista

Risco de violência

Jon Michaels

“Permanecemos em um momento de crise constitucional, justamente porque a nação está tão amargamente polarizada, com a direita aparentemente desinteressada em abraçar a democracia majoritária. A ameaça de violência política continua bem alta, a votação tornou-se mais difícil. Além disso, Trump e o Senado republicano foram bem-sucedidos em colocar três juristas conservadores na Suprema Corte, criando uma maioria de juizes altamente céticos em relação à regulamentação federal, em temas que vão desde mudanças climáticas à saúde pública; indisposta a proteger o direito ao voto; e, aparentemente, pronta a reverter os direitos civis e as liberdades civis.”

Professor de direito da Universidade da Califórnia, especialista em poderes presidenciais e direito constitucional

Todd Cheney/Divulgação



Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

Parlamentarismo e a higiene nos ideais

Se, no mundo do esporte, o arrogante tenista Novak Djokovic tirou o charme do jacaré da Lacoste, no mundo político, a funcionalidade do sistema parlamentarista é o principal ensinamento que se extrai da enascada em que se envolveu Boris Johnson. Pego — ele e sua equipe, juntos e separados — em inadequadas confraternizações durante o confinamento imposto pela pandemia, Johnson teve que se explicar no parlamento britânico sobre sua falta de responsabilidade.

É uma ferramenta brilhante a regra de que, uma vez por semana, estando funcionando o Parlamento britânico, o primeiro-ministro precisa comparecer para responder perguntas. Perguntas que vêm,

por direito, principalmente do líder da oposição. A prática ocorre desde o governo de Harold Macmillan nos anos 1960.

O questionamento no Parlamento é um dispositivo civilizatório, ainda que chame mais atenção quando há escândalos desses que atacam a revolta no cidadão. Às vezes, parece balbúrdia, mas melhora a qualidade do chefe de governo e do parlamento.

Ao minimizar a importância de ser rígido consigo mesmo no cumprimento de uma regra que estava sendo imposta sobre a sociedade, Johnson cometeu um erro comum. Tão comum que muita gente aponta para uma certa hipocrisia dos que querem usar esse pretexto para derrubá-lo. O problema

não é o erro, mas a falta de postura num momento de consternação nacional.

A imagem da monarca nonagenária acompanhando sozinha o funeral do marido na grandiosa capela de São Jorge, dentro do Castelo de Windsor, quando justamente a informação de que naquela madrugada uma festa tinha agitado a residência do primeiro-ministro, é devastadora. Pouco importa que Johnson não estivesse naquela festa, já que, afinal, teria participado de outros eventos que não respeitavam o protocolo.

Todavia, Johnson tem uma qualidade que falta ao tenista: exposto seu equívoco, não mente e pede desculpas repetidamente. Ou seja, tem mais higiene nos ideais. E tem uma sorte: não tem alguém como ele em seu partido ao mesmo tempo pronto para liderar e disposto a confrontá-lo. O que existe é o Partido Conservador que manda, e o faz através da soberania do parlamento.

Boris Johnson chegou ao

poder numa onda que colocou gente muito esquisita no comando de países importantes. São líderes de uma popularidade que vinha, em parte, da falta de liturgia e que passavam a impressão ao povo de que acompanhariam a chefia do governo como quem acompanha um show de televisão. Como a pandemia equalizou o comportamento de todo mundo, o trote que o eleitor quis pregar no mundo político ficou sem graça. O líder — seja querendo proibir ou liberar tudo — entrou demais na casa da pessoa. Com a saúde em risco, ocorreu um retorno à ideia de que governante precisa ser competente, não constrangedor.

Com todo mundo submetido a protocolos sanitários, a quebra da regra por motivos fúteis passou a carregar uma ofensa pessoal. O público voltou a querer bom exemplo, especialmente de autoridades que pregam a norma que não cumprem. Afinal, tem algo no nosso tempo em que há maior tolerância com

a cafajestagem honesta do que com a hipocrisia.

Ninguém gosta de confinamento e afins. Para a maioria das pessoas é ruim, e, mais cedo ou mais tarde, se torna péssimo. Mais do que isso, ninguém gosta de ter a liberdade cerceada. As pessoas concordam com isso por pactos sociais. Pactos por amor ao próximo e a si mesmo, e para que a vida seja menos violenta e curta. Logo, quando as pessoas aceitam restrições por causa de uma emergência, elas mais esperam de quem tem posição de poder e influência, única forma de entenderem a igualdade de direitos e a justiça.

É verdade que a pandemia não tem sido favorável para governantes em lugar nenhum. Mas, com todo mundo passando de apertado, a paciência com o boche diminuiu mais ainda. Situação tão crítica que Johnson mesmo já tinha sido convencido a mudar de ideia e de postura. Ele, talentosamente, transitou de negacionista para grande

enfrentador da pandemia aproveitando a alta volatilidade de opinião pública no Reino Unido sobre a crise sanitária.

Os britânicos foram de 85% favoráveis ao confinamento geral, em janeiro de 2021, até uma situação em que, no mês passado, apenas cerca de 20% apoiavam fechar bares e proibir encontrar com não familiares em ambientes fechados. Johnson se deu mal na confusão de proibir festas dos outros, mas não na residência oficial. O apoio público derreteu.

Ele, no entanto, só cai se receber voto de desconfiança iniciado por 15% dos congressistas conservadores e confirmado por maioria simples. Para evitar isso, está tentando fazer do limão uma limonada, propondo o abandono da maioria das restrições relativas à covid.

É um camaleão simpático, domado pelas virtudes do parlamentarismo.

PAULO DELGADO, sociólogo